

DEPOIS DE FREUD: “O QUE É O HOMEM?” DRAMÁTICA HUMANA E MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

por

José Gabriel Pereira Bastos*

Resumo: Freud vem alterar as premissas da compreensão, até aí filosófica, do devir e da História do Homem no Mundo, ao postular, de forma integralmente inovadora, que falar do Homem exige uma Ciência de tipo novo, transversal e integrativa (contra-disciplinar, anti-acadêmica e não meramente discursiva ou ensaística), capaz de investigar a articulação instável e delirante da Mente com a organização dramática e problemática do Mundo Político, visando equacionar o paradoxo do “Mal-estar na Civilização”, que o Darwinismo Social, centrado no conceito de Progresso Civilizacional, jamais conseguiu pensar senão para propor a sua superação (de Hitler a Bertrand Russell) com uma ‘Real Politik’ despótica e delirante.

Palavras-chave: Descontentamento civilizacional; Teorização Freudiana; Novo tipo de Ciência.

Abstract: Freud has altered the premises of comprehension of the human as well as of the historical development of the Men in the world, which were philosophical, by postulating an entirely new way of speaking about the human kind. Freud demands a new type of science, transversal and integrative (i.e., against discipline compartments, non Academic, and not merely digressive and scholarly), which can examine the articulation of an unstable and delusional Mind with the dramatical and problematic organization of the Political World. This new way of doing science aims to equate the paradox of “Civilization and its Discontents”, which Social Darwinism, centered in the concept of Civilizational Progress, was not able to study, except to propose its overcoming (from Hitler to Bertrand Russell) with an overbearing and delusional ‘Real Politik.’

Keywords: Civilizational Discontentment; Freudian theorization; New model of Science.

* Center for Research in Anthropology (FCSH; New University of Lisbon), Institute for Art, Design and Society (FBAUP, University of Oporto); Psychoanalytic Association (Lisbon).

Email: jose.bastos@fcs.unl.pt. Social Psychologist – Psychoanalyst – Cultural Anthropologist with a PhD in Anthropology and Psychoanalysis (1996) – Research in Ethnic Migrations, Racism and Xenophobia – Analysis of Cultural Productions – Analysis of Cultural and Political Identity Processes – production of new Research Strategies and Instruments – fieldwork in India – Lecturer in Berkeley (2003).

I. SAINDO DO REINO DAS CATEGORIAS ACADÉMICAS – A DIVERSIDADE, COMPLEXIDADE E INSTABILIDADE DO ‘HOMEM’

1. Como nos são dados apenas 20 minutos para elaborar a mais complexa, e antes de Freud, inacessível, de todas as questões, comecemos por posicionar a nossa intervenção:

Não existe qualquer singularidade que se possa definir como “O Homem”. Chamamos **Homem à organização de uma diversidade corporal, relacional, imaginária, em transição desgovernada para um futuro desconhecido**, organização de diversidades essa **combinada** de inúmeros modos **com uma multidude diversa e instável de organizações e ideologias** e com a **diversidade cultural** (que é estrutural, representada por mais de 5 mil línguas e culturas).

Goste cada um de nós ou não, **‘O Homem’ é Natureza Contextual – Corpo Neurológico e Pulsional** (erótico e agressivo) – **Inconsciente – Indivíduo – Sociedade** (Família, Economia, Ideologia e Cultura) e **Mundo, transversalmente articulados e em tensão, potencialmente em conflito**, devido à pluralidade interna a cada nível, à dependência bidireccional articulada entre níveis e à pluralidade de potencialidades na articulação entre níveis existenciais e identitários entre si e com as suas exterioridades.

Se isolarmos cada um destes níveis, em ‘disciplinas’, surgem Visões Académicas do Homem, empobrecidas e distorcidas, dado que ‘O Homem’ não é apenas Natureza, ou Corpo, ou Inconsciente, ou Indivíduo, ou Sociedade, ou Cultura mas uma Integração Específica em variação Dramática e Problemática desses componentes. Chamamos **Academia** à instituição e ao modo de produção deste **empobrecimento cognitivo** e desta **distorção ideológica**.

‘O Homem’ é diversidade corporal, relacional e política, relacionadas entre si – mulher e homem, bebé, criança, adolescente, adulto, idoso e antepassado –, **internamente dividida e pluralizada** em papéis e personalidades sexuais, conviviais, profissionais, políticas, culturais, fantasmáticas e idealistas – **externamente contraposta a Outras** pela inscrição ou registo dos Indivíduos em Classificações Identitárias e Classes Sociais pré-existentis.

‘O Homem’ é uma diversidade em transição – uma Biografia Intercultural entre outras, em transição numa História Intercultural entre outras, Biografia e História **existindo em cada momento sob Forma Dramática** e, no seu processo transformacional, em **Forma Problemática**, sem previsível desfecho, e da qual desconhecemos os futuros imediatos e distantes.

‘O Homem’ é Narratividade e Diversidade Narrativa – é tudo o que se escreveu sobre ‘o Homem’ desde que os humanos acederam à escrita – o

que foi escrito por historiadores, por antropólogos, por teólogos, por escritores literários, por psiquiatras, repórteres e por humoristas, continuamente discordantes nas suas contribuições dispersas, mesmo quando a partir de uma cultura se ensaia rasurar textos incômodos para os ideais normativos e impor um **Cânone Simplificador** e uma **Leitura Dogmática** e rasurada, através das **Instituições de Normatização Discursiva**, isto é, de Repressão e Recalcamento, dotadas de suposta ‘autoridade’: o Exército, a Igreja, a Escola, o Déspota, o Partido, o Governo, a Academia.

‘**O Homem**’ é, ainda, um **Processo de Diversificação** e de aumento da diversidade – racial (por miscigenação), cultural (por aumento da capacidade de viajar e emigrar), biográfica (pelo aumento dos tipos de actantes reconhecidos, nomeadamente no que respeita à diversidade de género), profissional (pelo aumento de novas tecnologias e de ‘profissões’) e ideológica (dado o estilçamento criativo de novas ideologias resultantes do **aumento do mal-estar na** (com e pela) **civilização**, processo esse que fornece a ocasião para novas angústias, novos riscos, novas realizações, novas felicidades e novas esperanças e desesperos.

2. O que ‘**O Homem não é**’ – e que o **pensamento categorial pré-científico**, a forma mais poderosa do pensamento simplificador (Morin, 1977: 21-22) pretende que ele ‘deve ser’, para que seja **redutível a uma ‘essência’, numa categoria mentalizada, irreal** – é ser, como é difundido pelos altifalantes do Discurso Institucional, Religioso, Académico ou Partidário: (a) um ‘**Filho de Deus**’, dividido entre ‘o Bem’ e o ‘Mal’ (como pretendem os religiosos mono ou politeístas), (b) um **Ente Categorial** (isto é, uma mentalização homogênea representável por uma ‘essência’, como em Aristóteles), dividido entre a Luz e a Caverna¹, entre a Razão e a Loucura; (c) uma **nova ‘Espécie Animal**’, numa visão processual, continuísta e hierarquizada (Darwin), dividida entre ‘Vencedores’ (sobreviventes, adaptados) e “Vencidos” (liquidados, inadaptados) ou (d) um **Ser Civilizacional**, um ‘Cidadão do Mundo’ tecnologicamente aperfeiçoável, a caminho da ‘Unificação’ prometida pelos ideólogos no ‘Fim da História’ – a “Terra Prometida” que querem que imaginemos e, porque não acreditam na sua própria “Mensagem”, pretendem impor, despoticamente, através da Intimidação, da Violência e do Crime Militar e Financeiro Organizados, isto é, da ‘Globalização’, ensaiando calar ou liquidar os oponentes e os ‘residuais’, codificados como eugenicamente descartáveis.

¹ Cf. Aristóteles, in *Categorias e República*.

II. EM VIAGEM, PARA ALÉM DE DARWIN: MARX, FREUD, DURKHEIM E O HOMO SAPIENS DEMENS

3. Situemo-nos pois, além de Darwin, e enfrentemos a Ruptura Antropológica derivada da Neotenia (Bolk, 1926, in Roheim, 1930), que conduz a **um novo tipo de Mente, estrutural e funcionalmente descontínua em relação aos restantes primatas superiores**, e usemos a proposta de Edgar Morin (1973) de rebaptizar a espécie como *Homo Sapiens Demens*.

Apoiados em Marx, Freud e Durkheim, tornemos central o **Novo da Cognição Científica** e foquemos o **conceito de Delírio**, antes de pensar a alegada dimensão *Sapiens* da espécie:

A religião é a realização fantástica do ser humano (...) na medida em que o ser humano não possui verdadeira realidade. (Marx, 1844; sublinhado nosso)

A finalidade da paranóia, portanto, é rechaçar uma ideia incompatível com o ego, projectando seu conteúdo no mundo externo. (...) É uma questão de uso excessivo de um mecanismo que é muito comumente empregado na vida normal: a transposição ou projecção. (...) um abuso do mecanismo de projecção para fins de defesa. (...) A grande nation não consegue enfrentar a ideia de que possa ter sido derrotada na guerra. Logo, não foi derrotada. A vitória não vem ao caso. Isso fornece um exemplo de paranóia em massa e inventa o delírio de traição. (...) A megalomania talvez seja ainda mais eficaz para manter a ideia penosa afastada do ego. (...) Em cada um desses casos, a ideia delirante é sustentada com a mesma energia com que uma outra ideia, insuportavelmente aflitiva, é rechaçada para longe do ego. Assim, eles amam seus delírios como amam a si mesmos. É esse o segredo. (Freud, 1895a; sublinhado nosso)

(...) um sistema é melhor caracterizado pelo facto de pelo menos duas razões poderem ser descobertas para cada um dos seus produtos: uma razão baseada nas premissas do sistema (uma razão que pode então ser delirante) e uma razão oculta, que devemos julgar como sendo a verdadeiramente operante e real. (Freud, 1912-13; destaque nosso)

(...) se chamarmos delírio a todo o estado no qual o espírito acrescenta algo aos dados imediatos da intuição sensível e projecta os seus sentimentos e impressões nas coisas, não há possivelmente qualquer representação colectiva que, num certo sentido, não seja delirante; as crenças religiosas não passam de um caso particular de uma lei muito mais geral. O meio social, na sua totalidade, aparece-nos povoado de forças que na realidade, não existem senão no nosso espírito. (Durkheim, 1912; sublinhado nosso)

Marx enuncia um **processo de realização fantástica** em contextos em que o sujeito (o trabalhador) não tem verdadeira realidade, acreditando que essa condição

histórica poderá ser revertido pela conquista política do poder sobre a realidade simplificada.² Freud, por sua vez, reconhece o **conflito identitário entre ideias e factos insuportavelmente aflitivos e o necessário amor a si próprio**,³ conflito que também ocorre na vida histórica, face a experiências de humilhação nacional, e define a **projectão** como uma racionalização que encontra um bode expiatório a culpabilizar, ensaiando a **análise da articulação da organização da mente com a organização do mundo, mediada por processos identitários**. E passa daí a enunciar a **lei estruturante do processo ideológico**, isto é, da construção de ‘sistemas’ intelectuais e políticos, governados por duas razões (e não uma), com uma ‘dimensão oculta’, ‘verdadeiramente operante e real’, que Marx pretendia entender e controlar através da tomada do poder.

Durkheim, ao produzir uma ‘constatação sociológica’, dá **uma machadada no Racionalismo e na exaltação do Progresso Civilizacional, que concebe como Delírios** (na acepção freudiana), quando não encontra representações colectivas que não sejam delirantes. O que permite evidenciar que na paranóia que vai da Filosofia Grega ao Racionalismo do Século das Luzes e da Revolução Industrial, os ‘outros’ não são ‘traidores’, são ‘apenas’ mulheres, incultos, latinos, escravos, estrangeiros, ‘degenerados’ ou ‘primitivos’, delirados como ‘inferiores’.

Mais perto de nós, a Ideologia afirma, tautologicamente, que o “Progresso Civilizacional” progride: entre guerras, o Racionalismo Hitleriano vai mais longe – os ‘inferiores’ ou ‘degenerados’ são para escravizar ou eliminar, em nome da “paz por mil anos”. Depois de vencidos os alemães, o Racionalismo Anglo-Americano recua da dureza da acção e oferece um bónus temporal mais dilatado – para criar a Nova Ordem Mundial pretende ‘apenas’ promover um século de submissão despotica (Bertrand Russel, 1952) mas oferece um bónus maior – o Império Mundial Anglo-Americano, o “Fim da História” (Fukuyama, 1992). Contentando-se com menos, e dado que o Despotismo previsto encontra resistência, outro ‘pensador’ americano propõe o recurso estratégico ao “Choque das Civilizações” (Huntington, 1996), um instrumento actualmente em promoção para “refazer a Ordem Mundial”. Mais problematizante e menos eufórico, Friedman afirma o nosso tempo como o **Século Americano**, o tempo de um **“Império acidental e indesejado”**, baseado

² Não existe qualquer sinal da realidade histórica, actual ou futura, destas duas asserções. O que leva a equacionar que – fora da descoberta científica, o que não é o caso – Marx era um Ideólogo Inteligente, na capacidade de fornecer uma fachada científica ao desejo (o oposto de *uma “outra ideia, insuportavelmente aflitiva, (...) rechaçada para longe do ego.”*).

³ A articulação entre trauma narcísico e perturbação psíquica é reconhecido por Moebius um ano antes: *“Não só o sentimento da honra ultrajada leva uma pessoa a fazer afirmações desesperadas; a psique adoecida também o faz.”* (Moebius é mencionado por Freud, em carta a Fliess, de 29 de Agosto de 1894; conferir nota 3).

na **tradição da Presidência Maquiavélica** (“uma instituição, que quando dá o seu melhor concilia a duplicidade e a correcção moral”), Império esse que pode pôr em perigo a República (Friedman, 2011) e a Humanidade.

III. A DIMENSÃO SAPIENS DA ESPÉCIE HUMANA

4. A narrativa ‘Ocidental’ definiu **Razão como um conjunto de capacidades operatórias, individuais ou institucionais, com uma dimensão civilizacional (isto é, de poder)**, obliterando a outra face da moeda, a dimensão dramática e problemática (a criação de grupos organizados funcionando como ‘um corpo’ mais poderoso e a criação de crenças e de ideologias capazes de manter laços grupais em detrimento da capacidade de análise e crítica; o cálculo, favorecendo a hierarquização e a luta de classes, em detrimento da relação afectiva, solidária e cívica; a inovação tecnológica, em detrimento da ‘igualdade’ e da paz).

A Razão não é uma Unidade, é também ela, uma diversidade em processo. **Razão Cognitiva** (o Cálculo Numérico e o Cálculo Político) e **Razão de Estado**, orientadas para o mundo externo, opõem-se na Praxis à **Razão Platónica**, orientada por Ideais identitários (o Bem, a Verdade e o Belo).

IV. O DESEJO DE FELICIDADE, O DESEJO DE SEGURANÇA, O MAL E O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

5. Podemos utilizar a ciência do homem para interrogar e conceptualizar criticamente o mal-estar na civilização? Freud responderia que sim, desde que não assumamos uma atitude idolátrica e acrítica perante o processo civilizacional, como é próprio dos racionalistas, que tentam apoiar com argumentos as suas **ilusões de perfeição civilizacional**, que guerras mundiais e invasões militares, Terrorismo de Estado e Terrorismo de Guerilha, promoção de guerras civis e de crises financeiras vêm constantemente desmentir.

Esforcei-me por resguardar-me contra o preconceito entusiástico que sustenta ser a nossa civilização a coisa mais preciosa que possuímos ou poderíamos adquirir, e que seu caminho necessariamente conduzirá a ápices de perfeição inimaginável. (...) os juízos de valor do homem acompanham directamente os seus desejos de felicidade (...), por conseguinte, constituem uma tentativa de apoiar com argumentos as suas ilusões.” (Freud, O Mal-estar na civilização, 1930, OPCSF, 1974: 169-170)

Reconhecendo não poder resolver a questão última do propósito da vida, genericamente considerada, Freud decide, numa obra final, *O mal-estar na civilização* (1930), focar a **questão do propósito e intenção da vida dos humanos**, a partir da observação sistemática do comportamento socialmente organizado:

“O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade, querem permanecer felizes e assim permanecer. Esta empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e desprazer, por outro lado, a experiência de intensos sentimentos de prazer. Em seu sentido mais restrito, a palavra ‘felicidade’ só se relaciona a estes últimos. (...) Como veremos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o princípio.” (Freud, *O mal-estar na civilização*, 1930, OPCSF, XX, 1974: 94; destaque nosso)

O princípio neuronal de prazer-desprazer governa as ambições dos humanos. Esta questão remete Freud para as suas mais antigas descobertas no campo da neurologia do comportamento humano (1891, 1895, 1900)⁴: a dependência existencial de condições de funcionamento neurológico não nos é estranha, uma vez que a vida e a própria liberdade dependem delas. Não somos anjos, temos um corpo a alimentar e a utilizar como instrumento dessa busca de prazer, convém que conheçamos as regras do funcionamento neurológico do cérebro humano. O que cria perplexidade é o **reconhecimento científico**, que torna a condição humana dramática e a busca da felicidade problemática, de que todas as normas do Universo lhe são contrárias:

“Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo como com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo lhe são contrárias.” (Freud, *O mal-estar na civilização*, 1930, OPCSF, XX, 1974: 94-95; d. n.)

⁴ Segundo um dos mais recentes prêmios Nobel da Medicina, Freud permanece neste campo da neurologia do comportamento humano, uma sumidade: *“Alguns autores acreditam que o modelo psicanalítico da mente pode servir como uma espécie de modelo para orientar a atitude dos programas de pesquisa neurocientíficos bastante minuciosos que estão hoje em dia em andamento, a fim de melhor identificar-se o “quadro geral” teórico emergente (ver Solms e Turnbull, 2002). Isso recoloca Freud como uma espécie de Charles Darwin da mente, no sentido de que o seu modelo seminal do aparelho mental pode desempenhar o mesmo papel para a neurociência comportamental moderna que as teorias evolucionistas de Darwin desempenharam para a genética molecular moderna. Quem teria pensado que um ganhador do Prêmio Nobel de Medicina e física no raiar do século XXI – o neurocientista Eric Kandel (1999) – descreveria a psicanálise como “ainda a perspectiva mais coerente e intelectualmente satisfatória da mente (que temos na actualidade)” (1999: 505)?”* (Mark Solms, in Person, Cooper & Gabard, *Compêndio de Psicanálise* (2005), Porto Alegre: artmed, 2007: 525; d.n.)

Desde logo, a felicidade neurológica só é possível como uma ‘manifestação episódica’:

*“O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza possível apenas como uma manifestação episódica.”*⁵ *Quando qualquer situação desejada pelo princípio de prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito ténue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas. Assim, **nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição.**”* (Freud, O mal-estar na civilização, 1930, OPCSF, XX, 1974: 95; d. n.)

V. O ENIGMA SEM VOZ – A FONTE SOCIAL DE SOFRIMENTO

6. A situação é ainda mais dramática e problemática. Não só a felicidade não é duradoura como a infelicidade nos espreita a partir do cosmos, do corpo e dos outros humanos, uma fonte mais penosa do que qualquer outra, uma vez que, em grande parte, a felicidade possível depende, desde a experiência inaugural da dependência materna, da sincronização benévola com outros.

*“Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direcções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, **de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encará-lo como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos faticamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes.**”* (Freud, O mal-estar na civilização, 1930, OPCSF, XX, 1974: 94; d. n.)

O facto de que **a maior parte do nosso mal-estar resulta dos relacionamentos humanos a que somos compelidos pela condição de desamparo psíquico, imaturidade biológica e dependência social, que preside à nossa entrada na vida,** pareceria merecer que dedicássemos todo o nosso esforço científico a reparar

⁵ *“A irresistibilidade das pulsões perversas e, talvez, a atracção geral pelas coisas proibidas encontram aqui uma explicação económica.”* (Freud, O mal-estar na civilização, 1930, OPCSF, XX, 1974: 98)

as deficiências estrutural-dinâmicas da vida social e da estruturação histórica do mundo, uma vez que é isso que fazemos perante o sofrimento corporal e cósmico. Acontece que não só não o fazemos como denegamos a existência do problema e essa **denegação** (outro mecanismo de defesa e de distorção cognitiva) **é a principal fonte do mal-estar na civilização;**

*“(...) passemos (...) para o problema de saber porque é tão difícil para o homem ser feliz (...). Nunca dominaremos completamente a natureza, e o nosso organismo corporal, ele mesmo parte dessa natureza, permanecerá sempre como uma estrutura passageira, com limitada capacidade de adaptação e realização. Esse reconhecimento não possui um efeito paralisador. Pelo contrário, aponta a direcção para a nossa actividade. Se não podemos afastar todo o sofrimento, podemos afastar um pouco dele e mitigar outro tanto: a experiência de muitos milhares de anos nos convenceu disso. Quanto à terceira fonte, **a fonte social de sofrimento**, nossa atitude é diferente. Não a admitimos de modo algum, não podemos perceber por que os regulamentos estabelecidos não representam, ao contrário, proteção e benefício para cada um de nós. (...) surge em nós a suspeita de que também é possível fazer, por trás desse facto, uma parcela de natureza inconquistável – dessa vez, uma parcela de nossa própria constituição psíquica.”* (Freud, o mal-estar na civilização, 1930, OPCSF, XX, 1974: 105; d. n.)

A **fonte social do sofrimento** combina 3 elementos, jamais integrados teoricamente: (a) o **modo binário de funcionamento do inconsciente**, associado ao primado neurológico do princípio de prazer-desprazer que vai determinar quer a **fuga delirante para a realidade psíquica e para o sonho** quer esse momento inicial das relações sociais, igualmente delirante, que é a **clivagem do objecto primário em objecto de prazer, objecto de desprazer, magnificados, e objecto auxiliar, a manipular** (Freud, 1895b) e a **tendência para a descarga da tensão sob a forma de agressão sobre parte do mundo externo;** (b) a **transferência das tensões neuronais primárias para as tensões derivadas do conflito intergeracional**, em que se polarizam os ganhos da dependência e da busca de segurança e a frustração-agressão prática e identitária derivada da repressão parental e educacional, levando à internalização psíquica desse confronto, através da formação do super-ego (Freud 1913, 1921, 1927, 1930); e (c) a **transferência projectiva dos ganhos e traumas intergeracionais familiares para a organização das instituições sociais de supervisão orientação e governo**, que se mostrarão deceptivas e decepcionantes.

*“É provável que, na própria criança, se tenha desenvolvido uma quantidade considerável de **agressividade contra a autoridade, que a impede de ter suas primeiras – e também mais importantes – satisfações, não importando o tipo de privação***

pulsional que dela possa ser exigida. Ela, porém, é obrigada a renunciar à satisfação dessa agressividade vingativa e encontra saída para essa situação economicamente difícil com o auxílio de mecanismos familiares. Através da **identificação**, incorpora em si a autoridade inatacável. Esta transforma-se em seu superego, entrando na posse de toda a agressividade que a criança gostaria de exercer contra ele. O ego da criança tem de contentar-se com o papel infeliz da **autoridade** – o pai – que foi assim **degradada**. Aqui, como tão frequentemente acontece, a situação é invertida: “Se eu fosse o pai e você fosse a criança, eu o trataria muito mal.” (...) a severidade original do superego não representa – ou não representa tanto – a severidade que dele se experimentou ou se lhe atribui. Representa antes, nossa própria agressividade para com ele. (...) a **agressividade vingativa** da criança será em parte determinada pela quantidade de **agressão punitiva** que espera do pai.” (Freud, O mal-estar na civilização, 1930, OPCSF, XX, 1974: 153-154; destaques nossos)

Os poderes e receios derivados da **omnipotência, real ou delirada, das figuras parentais** (Freud 1915, 1921, 1927, 1930) vão, no processo civilizacional, ser transferidos para organizações poderosas, como **Igrejas** (Freud, 1927) e **Estados** (Freud, 1921), **organizados como corpos simbólicos** (dotados de cabeça dirigente)⁶ e **como instâncias paternas de grau superior**, dotadas de poderes repressivos, desempenhando na política dos povos o papel representado pelos pais na infância familiar e desse modo bloqueando parcialmente a agressividade vingativa que lhes era destinada enquanto autoridades frustradoras, ou desviando-a para o exterior.

⁶ **O Modelo Corporal da Sociedade** emerge nas *Leis de Manu*, como uma estratificação das 4 Varnas, correspondentes à cabeça (*Brâmanes*, sacerdotes), ao tronco (*Kshatrias*, guerreiros), ao ventre (*Vaishias*, agricultores e comerciantes) e aos membros inferiores (*Shudras*, trabalhadores), sendo que ‘o pó debaixo dos pés’, seria constituído pelos Intocáveis (*Dalit*). Thomas Hobbes, no seu *Leviatã* (1651), concebe a *República*, ou *Estado*, como “um Homem Artificial, bem mais alto e robusto que o Natural” e como um “Corpo político”, “instituído para sua protecção e defesa”. A Arte da Política sobrepõe-se à Arte da Natureza e imita a Arte Divina: “os Pactos e os Convênios, mediante os quais as partes desse corpo político se criam, combinam e se unem entre si, se assemelham àquele ‘Faça-se’ ou ‘Façamos o homem’, pronunciado por Deus quando da criação.” (2008: 11) Passando do Corpo a um **Modelo Intergeracional Masculino**, Leibnitz (1720) põe em **equação simbólica** o nível imaginário da religião, o nível autoral da Tecnologia, o nível político da Realeza e o nível da autoridade Familiar, num sistema de Identificações e de Projecções: “É o que faz que os espíritos sejam capazes de entrar numa espécie de sociedade com Deus, que está para eles não sómente como um inventor está para a sua máquina (como Deus o está em relação às outras criaturas), mas ainda como um príncipe está para os seus súbditos e mesmo um pai para os seus filhos.” (Leibnitz, Princípios de Filosofia ou Monadologia, in Obras Escolhidas: 177). O factor comum da Religião, da Política, e da Vida Familiar e Social reside numa hábil **escotomização das Mulheres e do Acto Sexual no ‘Corpo Social’ e na Reprodução, seguida do Roubo Masculino das Funções Femininas** de gestação, apropriadas por ‘Deus’ Pai e transmitidas a Adão (que sofreu a primeira Cesariana Divina, com anestesia Religiosa), para que Eva nascesse da sua ‘costela’.

Uma Igreja e um exército são grupos artificiais, isto é, uma certa força externa é empregada para impedi-los de desagregar-se e para evitar alterações em sua estrutura. (...) qualquer tentativa de abandoná-lo se defronta geralmente com a perseguição ou severas punições, ou possui condições inteiramente definidas a ele ligadas. (...) Numa Igreja (...) bem como num exército, por mais diferentes que ambos possam ser em outros aspectos, prevalece a mesma ilusão de que há uma cabeça – que ama todos os indivíduos do grupo com um amor igual. Tudo depende dessa ilusão: se ela tivesse que ser abandonada, então tanto a Igreja como o exército se dissolveriam, até onde a força externa lhe permitisse fazê-lo. (...) uma explicação do principal fenômeno da psicologia de grupo; a falta de liberdade do indivíduo num grupo. (Freud, Psicologia de grupo e análise do Ego, 1921, XVIII: 119-120 e 122; d. n.)

“Evidentemente, não é fácil aos homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão. A vantagem que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a essa pulsão um escoadouro sob a forma de hostilidade contra intrusos, não é nada desprezível. É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobrarem outras pessoas para receberem as manifestações da sua agressividade. (...) Dei a esse fenômeno o nome de ‘narcisismo das pequenas diferenças’. (...) Agora podemos ver que se trata de uma satisfação conveniente e relativamente inócua da inclinação para a agressão, através da qual a coesão entre os membros da comunidade é tornada mais fácil.” (Freud, O mal-estar na civilização, 1930, OPCSF, XX, 1974: 136; d. n.)

As proposições são claras na sua interligação processual, estrutural-dinâmica: para manter a Coesão de uma Comunidade Institucional há que criar ‘inimigos’ externos. O ‘narcisismo das pequenas diferenças’, de raiz familiarista, diferencia e coloca em tensão mais de 5 mil línguas e culturas, que promovem intimidades, fronteiras, comparações identitárias e incomunicabilidades. O amor e a crueldade organizam o mapa político do Mundo, de forma insusceptível de qualquer ‘globalização’.

(...) toda religião é, dessa maneira, uma religião de amor para todos aqueles a quem abrange, ao passo que a crueldade e a intolerância para com os que não lhe pertencem, são naturais a todas as religiões, (...) as pessoas que são descrentes ou indiferentes estão psicologicamente em situação muito melhor nessa questão (da crueldade e da intolerância). (Freud, Psicologia de grupo e análise do Ego, 1921, XVIII: 125; d. n.)

Os Estados insistem em reforçar identificações amorosas idealizadas, de tipo filial e fraterno, de modo a aumentar a coesão interna. Mas os Estados, que deveriam garantir a segurança dos cidadãos revelam-se exploradores e despóticos e, em momentos de crise, destrutivos, aumentando o mal-estar na civilização.

*“A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para as pulsões agressivas do homem e manter suas manifestações sob controle por **forças psíquicas reactivas**. Daí, portanto, o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a restrição à vida sexual e daí, também o mandamento ideal de amar o próximo como a si mesmo, mandamento que é justificado pelo facto de nada ir tão fortemente contra a natureza original do homem.” (...) “Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização. (...) O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança.” (Freud, O mal-estar na civilização, 1930, OPCSF, XX, 1974: 134; d. n.)*

Despotismo e Revolução constituíram os pólos extremos do conflito com o Pai, transferido para a esfera política. A descoberta de poderosos factores negativos na vida política, incrementada pelo caos traumático da Primeira Guerra Mundial (1915), obriga Freud a dar menos atenção à libido social e a pesquisar os modos e lugares civilizacionais da agressão e das pulsões de morte – o Exército (1921) e as Igrejas (1921, 1927), o narcisismo de Estado e a relação narcísica entre Estados (1930) e a avançar para a análise dos ‘sintomas do Mundo’, organizado em Ideologias e Estados.

“Duas coisas nessa guerra despertaram nosso sentimento de desilusão: a baixa moralidade revelada externamente por Estados que, em suas relações internas, se intitulam guardiães dos padrões morais e a brutalidade demonstrada por indivíduos que, enquanto participantes da mais alta civilização humana, não imaginaríamos capazes de tal comportamento.” (Freud, Considerações para os tempos de guerra e de morte, 1915, XIV: 317)

*“Nessa guerra, o cidadão individual pode, com horror, convencer-se do que ocasionalmente lhe cruzaria o pensamento em tempos de paz – que o Estado proíbe ao indivíduo a prática do mal, não porque deseja aboli-la, mas porque deseja monopolizá-la, tal como o sal e o tabaco. **Um Estado beligerante permite-se todos os malefícios, todos os actos de violência que desgraçariam o indivíduo.** Emprega contra o inimigo não apenas as ruses de guerra aceitas, como também a mentira deliberada e a fraude – e isso a um ponto que parece ultrapassar esse emprego em guerras anteriores. O Estado exige o grau máximo de obediência e de sacrifício de seus cidadãos; ao mesmo tempo, porém, trata-os como crianças, mediante um excesso de sigilo e uma censura quanto a notícias e expressões de opinião, que deixa o espírito daqueles cujos intelectos ele assim suprime, sem defesa contra toda mudança desfavorável dos eventos e todo o boato sinistro, **exime-se das garantias e tratados que o vinculavam a outros Estados e confessa desavergonhadamente sua própria rapacidade e sede de poder, que o cidadão tem então de sancionar em nome do patriotismo.**” (Freud, idem, 1915, XIV: 315-316; d. n.)*

Se o comportamento dos Estados em tempos de guerra (e não só) – um Sintoma do Mundo – se nos torna traumático, não menos surpreendente é o facto das ideologias da Consciência e da Razão, implementadas pelas elites, ocultarem o modo como as paixões e as ideologias comandam o mundo.

“Existe, porém, em nossos concidadãos outro sintoma do mundo que talvez nos tenha deixado tão atónitos e chocados quanto a queda de suas alturas éticas que nos provocou tanta dor. O que tenho em mente é a falta de compreensão interna (insight) demonstrada pelos melhores intelectos, sua obstinação, sua inacessibilidade aos mais convincentes argumentos, e sua credulidade destituída de senso crítico para com as asserções mais discutíveis. (...) Os estudiosos da natureza humana e os filósofos de há muito nos ensinaram que nos enganamos ao considerar nossa inteligência uma força independente e ao negligenciar sua dependência em relação à vida emocional. (...) as pessoas mais sagazes se comportam sem compreensão interna (insight) como se fossem imbecis, tão logo a compreensão interna se defronta com uma resistência emocional, recuperando, porém, inteiramente a compreensão uma vez superada essa resistência. (...) as nações ainda obedecem a suas paixões muito mais prontamente que a seus interesses. Estes lhes servem, na melhor das hipóteses, como racionalizações de suas paixões. (Freud, idem, 1915, XIV: 324-325; d. n.)

“Tampouco constituiu uma possibilidade inexequível que o sonho de um domínio mundial germânico exigisse o anti-semitismo como seu complemento, sendo, portanto, compreensível que a tentativa de estabelecer uma civilização nova e comunista na Rússia encontre o seu apoio psicológico na perseguição aos burgueses. Não se pode senão imaginar, com preocupação, sobre o que farão os soviéticos, depois de terem eliminado os seus burgueses.” (Freud, O mal-estar na civilização, 1930, OPCSF, XX, 1974: 136; d. n.)

Se – enquanto **Sonho de um Domínio Mundial** – o despotismo, a exploração dos cidadãos bem como a pulsão genocida, a rapacidade e a sede de poder contra os que lhe são exteriores emerge em tempos de crise e de guerra, mas pode ser escamoteada e invertida numa **fachada idealizável**, a Revolução sofre do mesmo mal – o que os comunistas procuraram como causa do mal-estar na civilização, através da instauração da propriedade privada, que teria procedido de um ‘comunismo primitivo’ idealizado, Freud encontrará na ontogénese estrutural: os humanos não são inteiramente “bons” desde o início, não é a instauração histórica da propriedade que os corrompe, nem a abolição da propriedade privada devolverá aos humanos um mundo idealizado, essa é uma ilusão insustentável.

7. É neste ponto que entra o **Inconsciente**, enquanto herdeiro da organização mental das nossas experiências mais arcaicas, **contendo Orientações Narcísicas contraditórias**, por um lado promovendo a **associação por semelhança**, que é

a base das identificações, das identidades grupais e do simbolismo libidinal e, por outro, promovendo o **binómio narcísico defesa-agressão**, que desconhece a hipótese de morte do sujeito e deseja a morte dos inimigos, e em que a desidentificação se radicaliza.

“O que chamamos de nosso ‘Inconsciente’ – as camadas mais profundas de nossas mentes, – compostas de moções pulsionais, desconhece tudo o que é negativo e toda e qualquer negação; nele as contradições coincidem. Por esse motivo, não conhece sua própria morte, pois a isso só podemos dar um conteúdo negativo. Assim, não existe nada de pulsional em nós que reaja a uma crença na morte. Talvez, inclusive, isso seja o segredo do heroísmo, (...). Por outro lado, admitimos a morte para estranhos, destinando-os a ela tão prontamente e tão sem hesitação quanto o homem primitivo. (...) Nosso inconsciente não executa o acto de matar, ele simplesmente o pensa e o deseja. Mas seria completamente errado subestimar essa realidade psíquica quando posta em confronto com a realidade factual. (...) Em suma; nosso inconsciente é tão inacessível à ideia de nossa própria morte, tão inclinado ao assassinato em relação a estranhos, tão dividido (isto é, ambivalente) para com aqueles que amamos como era o homem primitivo.” (Freud, 1915, XIV: 335-336; d. n.)

A formação do Ego vai ocultar o Inconsciente que sempre lhe será dinamicamente subjacente, do mesmo modo que a formação do super-ego ensaiará ocultar o conflito intergeracional, que virá a ter uma dimensão edipiana e uma dimensão de ‘superação do complexo de Édipo’, a favor da sujeição cega às autoridades familiares profissionais e políticas. Não há evolução psíquica mas ocultação dinâmica das pressões neurológicas, através da promoção de ilusões e idealizações. **Chamamos Civilização ao aumento histórico dessa ocultação, nos indivíduos e nos Estados, e chamamos Academia à instituição promotora do processo de ocultação, denegação e idealização ideológica das ‘disciplinas’ necessária a esse desconhecimento.**

Duas dimensões são cruciais para limitar o narcisismo pessoal: a transformação do egoísmo possessivo em identificação e a substituição da inveja pela formação reactiva que é o sentido de justiça.⁷

*O que posteriormente aparece na sociedade sob a forma de *Gemeinsgeist*, *esprit de corps*, *espírito de grupo* etc., não desmente a sua derivação do que foi inicialmente inveja. Ninguém deve querer salientar-se, todos devem ser o mesmo e ter o mesmo. A justiça social significa que nos negamos muitas coisas a fim de que os*

⁷ Estas limitações do Narcisismo Pessoal desaparecem quanto se trata do Narcisismo de grupo, visto não existirem Identificações Inter-grupais nem Exigência de Igualdade, e a Inveja tender a Passar ao Acto sob a forma invertida, grandiosa, de Desejo de Poder Omnipotente.

outros tenham que passar sem elas, também, ou o que dá no mesmo, não possam pedi-las. Essa exigência de igualdade é a raiz da consciência social e do senso de dever. (...) O sentimento social assim se baseia na inversão daquilo que a princípio constituiu um sentimento hostil em uma ligação de tonalidade positiva, da natureza de uma identificação. (Freud, 1921, XVIII: 153; d. n.)

Mas a **limitação educacional do egoísmo narcísico acentua a identificação com o grupo, a formação do grupo como um corpo**, a sua idealização, a transferência da agressão para objectos fora do grupo e o sacrifício do indivíduo à vontade grupal, isto é à vontade do líder. Neste processo, a igreja e o Exército podem entrar em contradição, impondo duas morais – a **Moral do Ser** como o Modelo (que sendo orientada por Identificações arcaicas, é inibitória das pulsões anti-sociais) e a **Moral do Ter** mais que todos, fundada na Avidez primária (que é megalómana onipotente e expansionista: “*Não matarás / Não roubarás / em nome da perfeição individual (idealizada)*” e “*Matarás / Roubarás em nome de Nós como Corpo Idealizado*”).

A **Idealização do Objecto** distanciado, amoroso ou político, restabelece o amor filial vivido na infância e pereniza assim a relação intergeracional familiar que se torna estruturante das organizações culturais e políticas (como a Igreja, o Exército, a Academia e o Estado), mas o **amor ao Objecto Introjectado** vai fundar os crimes passionais tal como o **amor ao Estado** vai fundar a aceitação acrítica dos crimes políticos e dos crimes de guerra.

A tendência que falsifica o julgamento nesse respeito é a da idealização. (...) Vemos que o objecto está sendo tratado da mesma maneira que nosso próprio ego de modo que, quando estamos amando, uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para o objecto. Em muitas formas de escolha amorosa, é facto evidente que o objecto serve de sucedâneo para algum inatingido ideal do ego. Nós o amamos por causa das perfeições que nos esforçamos por conseguir para nosso próprio ego e que agora gostaríamos de adquirir dessa maneira indirecta, como meio de satisfazer nosso narcisismo. (...) Ao mesmo tempo desta ‘devoção’ do ego ao objecto, a qual não pode mais ser distinguida de uma solução sublimada a uma ideia abstracta, as funções atribuídas ao ideal do ego deixam inteiramente de funcionar. A crítica exercida por essa instância silenciosa; tudo o que o objecto faz e pede é correcto e inocente. A consciência (moral, super-egóica) não se aplica a nada que seja feito por amor do objecto; na cegueira do amor, a falta de piedade é levada até ao diapasão do crime. A situação total pode ser inteiramente resumida numa fórmula: o objecto foi colocado no lugar do ideal do ego. (Freud, 1921, XVIII: 142-144; d. n.)

8. O inconsciente (a mente infantil) é, numa primeira fase, egoísta e completamente narcísico, mas a oscilação entre prazer e desprazer torna-o binário, e, por isso, pode tornar o Ego agressivo e despótico, nomeadamente nas fases

sádicas (oral e anal) e Edipiana. **Só o amor pode travar a dimensão negativa da frustração-agressão**, a tendência para a onipotência e para a megalomania, e **promover a reorientação de impulsos de dominação e de morte contra objectos não investidos libidinalmente, através do amor e da amizade**.

A idealização do “Homem” leva pensadores a denegar o óbvio da observação científica:

“O elemento de verdade (...) que as pessoas estão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes pulsionais deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objecto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho, sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem seu consentimento, apoderar-se das suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. Homo homini lupus.” (Freud, 1930, OPCSF, XX, 1974: 133; d. n.)

Para além de diferenciações evolutivas e civilizacionais, a agressão humana é maior nos homens também por o **Ego masculino heterossexual** se enraizar na relação oral com a mãe, no primeiro ano de vida, permanecendo muito mais arcaico, e por isso potencialmente violento do que o **Ego feminino heterossexual** que, devido à mudança de objecto tardia, se enraíza numa fase mais diferenciada, pragmática e sedutora.

Por sua vez, o crescimento libidinal em família e a necessidade do trabalho criam vínculos sociais que permitem **a transferência da dinâmica ambivalente do inconsciente para a dinâmica grupal comunitária**. A educação, o trabalho partilhado e a política convergem para manter a paz cooperante no interior das famílias, das comunidades e das nações – com sucesso limitado.

A libido se liga à satisfação das grandes necessidades vitais e escolhe como seus primeiros objectos as pessoas que têm uma parte nesse processo. E, no desenvolvimento da humanidade como um todo, do mesmo modo que nos indivíduos só o amor actua como factor civilizador, no sentido de ocasionar a modificação do egoísmo em altruísmo. E isso é verdade tanto do amor sexual pelas mulheres, com todas as obrigações que envolve de não causar dano às coisas que são caras às mulheres quanto do amor homossexual dessexualizado e sublimado por outros homens, que se origina do trabalho em comum.

Se assim, nos grupos, o amor a si mesmo narcisista está sujeito a limitações que não actuam fora deles, isso é prova irresistível que a essência de uma formação grupal consiste em novos tipos de laços libidinais entre os membros do grupo. (Freud, 1921, XVIII: 130-131; d. n.)

9. A limitar o movimento frustração-agressão surge a aprendizagem histórica da importância da família reprodutiva e da comunidade, nomeadamente da cooperação no trabalho para a satisfação das necessidades, da cooperação erótica, no amor familiar intergeracional e na defesa grupal.

“Depois que o homem descobriu que estava literalmente em suas mãos melhorar a sua sorte na Terra através do trabalho, não lhe pode ter sido indiferente que outro homem trabalhasse para ele ou contra ele. Esse outro homem adquiriu para ele o valor de um companheiro de trabalho, com quem era útil conviver. Em época ainda anterior, em sua pré-história simiesca, o homem adoptara o hábito de formar famílias, e provavelmente os membros de sua família foram os seus primeiros auxiliares. (...) Sobrepujando o pai, os filhos descobriram que uma combinação pode ser mais forte do que um indivíduo isolado. A cultura totémica baseia-se nas restrições que os filhos tiveram de impor-se mutuamente, a fim de conservar esse novo estado de coisas. A vida comunitária dos seres humanos teve, portanto, um fundamento duplo: a compulsão para o trabalho, criada pela necessidade externa, e o poder do amor, que fez o homem relutar em privar-se de seu objecto sexual – a mulher – e a mulher em privar-se daquela parte de si própria que dela fora separada. Eros e Ananke (Amor e Necessidade) se tornaram os pais da civilização humana.” (Freud, 1930, OPCSF, XX, 1974: 94)

Só o amor actua como factor civilizador, mas a frustração e a humilhação desencadeiam a agressão e a revolta interna, e os Estados desenvolvem aparelhos despóticos, em vez de cultivarem esse amor apaziguador. Os cidadãos estão submetidos a aparelhos educativos, mas nenhum aparelho educa os Estados.

10. O **narcisismo transferido para os Estados** não é limitado pelo amor mas pela correlação de forças e por projectos Imperiais megalómanos e despóticos. Estados menores procuram dependências filiais e submissões a Estados poderosos, de tipo paterno, o que leva à criação de famílias de Estados hierarquizados entre si, enquanto Liderantes e Protectorados.

Os Estados são sistemas operacionais, caracterizados, como vimos atrás acerca dos sistemas humanos, pelo facto estrutural-dinâmico de “pelo menos duas razões poderem ser descobertas para cada um dos seus produtos: uma razão baseada nas premissas do sistema (uma razão que pode então ser delirante) e uma razão oculta, que devemos julgar como sendo a verdadeiramente operante e real.” (Freud 1912-13). Isto é, os Estados desenvolvem sistemas políticos baseados nas premissas civilizacionais idealizadas, que podem então ser delirantes, mas operam a partir de uma razão oculta, a **Razão de Estado** (por isso sigilosa e até mesmo secreta), em que se misturam a defesa e a agressão não submetida a princípios. Sob a **Razão Moral** que estabelece Princípios e limites, opera a **Razão de Estado**, que é

confrontacional, e sob a Razão de Estado, opera a **Razão Numérica**, o Cálculo, em busca de vantagens ilimitadas.

Os delinquentes políticos (nomeadamente governantes, mas não só, apercebem-se que sob a fachada civilizada do discurso positivo do Estado se movem interesses ilegítimos e a duplicidade do Estado sustenta a sua própria duplicidade, quando o servem e/ou quando o contornam, organizando Máfias com negócios que os Estados não podem assumir directamente (armas, drogas, sexo, órgãos, escravos e fortunas em fuga aos impostos).

11. Tal como não existem humanos de um só tipo, também não existem Culturas e Estados de um só tipo e Freud é o primeiro a reconhecer esta **diversidade e a articulação entre Carácter, Cultura e Estado**.

Não parece evidente que todos os humanos tenham habitualmente estas características destrutivas que Freud, na esteira de Plauto, atribuiu aos humanos e que nós costumamos atribuir categorialmente aos que designamos como psicopatas. Sabemos da estatística que estas características responsabilizam, como género, os homens, cujo recurso à violência excede o das mulheres na proporção de mais de nove para um. E sabemos da experiência que existem diferentes tipos de homens, muitos dos quais pacifistas. Convém, portanto, pesquisar o que Freud detectou como diferentes **tipos comportamentais** de humanos, na sua relação com a vida social e com a Civilização – (1) o sujeito erótico, (2) o sujeito obsessivo, e (3) o ‘homem de acção’ ou narcísico – e qual a sua relação com a agressividade psicopática.

“A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. (...) É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a a seus desejos. Nisso, sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo, independentemente das circunstâncias externas. (Freud, 1930, OPCSF, XX, 1974: 103)

Os dois primeiros tipos – o erótico e o obsessivo - correspondem á forma não psicopatológica das neuroses. O terceiro – o do ‘homem de acção’ (Freud, 1930) ou ‘homem narcísico’ (Freud, 1931), com uma grande quantidade de agressividade à disposição do ego, pode assumir o papel de líder mas também formas psicóticas e criminais.

“O tipo erótico é facilmente caracterizado. Eróticos são aqueles cujo principal interesse – a parte relativamente maior de sua libido – está voltado para o amor, Amar mas acima de tudo ser amado, é a coisa mais importante para eles. (...) O

*segundo tipo é o que denominei **obsessivo**. (...) As pessoas deste tipo são dominadas pelo temor de sua consciência em vez do medo de perder o amor. Apresentam, por assim dizer, uma dependência interna, em vez de externa. Desenvolvem um alto grau de autoconfiança e do ponto de vista social são os verdadeiros e predominantemente conservadores veículos da civilização. O terceiro tipo, com justiça chamado de **narcísico**, deve principalmente ser descrito em termos negativos. Não existe tensão entre o ego e o superego (...) e não há predominância de necessidades eróticas. O principal interesse para o indivíduo se dirige para a auto-conservação; é independente e não se abre à intimidação. Seu ego possui uma grande quantidade de agressividade à sua disposição a qual também se manifesta na presteza à actividade. (...) impressionam os outros como ‘personalidades’; são especialmente apropriadas a actuarem como apoio para outros, a assumirem o papel de líderes e a darem um novo estímulo ao desenvolvimento cultural ou a danificarem o estado de coisas estabelecido. (...) **As pessoas de tipo narcísico que se expõem a uma frustração do mundo externo, embora sob outros aspectos independentes, estão particularmente dispostas à psicose, e apresentam précondições essenciais para a criminalidade.**” (Freud, Tipos libidinais, 1931, XXI: 252-254; d. n)*

12. Os países mais poderosos e com vocação imperial, criam, na contemporaneidade, projectos de dominação, orientados por homens narcísicos, com grande vocação sociopática, de Hitler aos seus substitutos anglo-americanos e respectivos ideólogos.

O caso de Bertrand Russel é exemplar, quando propõe o uso da força para a desqualificação dos processos democráticos negociados, a promoção de uma ditadura Anglo-Americana mundial irrestrita, por um século.

*“Se se quiser evitar a guerra, **a existência de um só governo para todo o planeta é indispensável.**⁸ Mas um governo federal, criado por consentimento mútuo, como a Sociedade das Nações e as Nações Unidas, será necessariamente fraco porque, tal como os barões da Idade Média, as nações participantes julgam melhor a anarquia que a perda da independência. E, como na Idade Média, a substituição de um estado anárquico por um governo de ordem depende da vitória do poder real; assim, a passagem da anarquia para a ordem, nas relações internacionais, se se produzir algum dia, será resultante do domínio superior de uma nação ou de um grupo de nações. E somente então, quando esse governo único tiver sido constituído, poderá começar a evolução para uma forma democrática de autoridade internacional. (...) Concordo naturalmente, que um governo mundial criado por consentimento mútuo*

⁸ O discurso do Filósofo Nobelizado, preocupado com o que, para ele, seria a “passagem da anarquia à ordem”, é paradoxal – “se se quiser evitar a guerra, **a existência de um só governo para todo o planeta é indispensável.**” Mas está convicto que para criar um Governo Mundial será preciso usar a força “**militar de uma nação ou de um grupo de nações**” (isto é, recorrer à guerra), e impôr um despotismo “durante um século”. Hitler, que não era filósofo, mas era igualmente paranóide, também ele preocupado com a “passagem da anarquia à ordem”, não falaria melhor.

seria infinitamente preferível, mas estou firmemente convencido que o amor da independência nacional é demasiado forte para que tal governo possa ter um poder efectivo. Quando um governo mundial único, incarnando a supremacia militar de uma nação ou de um grupo de nações, estiver no poder durante um século, o respeito que começar então a inspirar permitirá-lhe fundar a sua autoridade no sentimento e na lei em vez de fundá-la na força; e poderá, nessa altura, tornar-se democrático.” (Bertrand Russell, A última oportunidade do homem (New Hopes for a Changing World, New York, Simon & Schuster, 1952), Lisboa, Guimarães Editores, 4ª edição, 2001: 83-84; d. n.)⁹

O despotismo político à escala mundial, o “mundo unificado pela ciência”, exigem, ‘racionalmente’ – a fim de “passar da anarquia à ordem” e “o Mundo poder prosperar” –, a limitação dos nascimentos e a esterilização eugénica da parte ‘inconveniente’ da humanidade, “sem olhar ao preço”.

“A medicina combate hoje, com certo êxito, as epidemias, e a filantropia tende a reduzir o domínio onde a fome era um fenómeno cíclico. Mas para que o mundo possa prosperar, a despeito da justiça e da medicina económica, é preciso resolver o problema da população pela limitação dos nascimentos. Isso implica, no domínio da educação, da industrialização e do aumento da riqueza das regiões menos favorecidas do mundo, uma série de medidas: é preciso tomá-las, sem olhar ao preço para que o mundo unificado pela ciência seja estável e não se afunde em níveis de vida cada vez mais baixos.” (idem: 229-230, sublinhado nosso).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES (1982), *Categorias*. Lisboa: Guimarães Editores, 2ª edição.

BASTOS, José (1994), “Dos desejos e memórias arcaicas do corpo à produção artística e literária como forma privilegiada de comunicação de inconsciente a inconsciente, prefácio a J. G. P. Bastos, org., *Sigmund Freud – Textos essenciais de literatura, arte e psicanálise*. Lisboa: Europa-América, pp. 7-39.

(2003a), “The Hidden Meanings of Culture, Ethnicity and Identity: Anthropology from a Divergent Point-of-View. Lecture Series *In Search of Hidden Meanings: Identity Processes from a Triple Point-of-View*, 1st Conference, University of Berkeley, March, 5 (mimeo).

(2013), *Para uma Antropologia dos Processos Identitários. Critérios, Estratégias, Primeiros Resultados / Towards an Anthropology of Identity Processes: Criteria Strategies, First Results*. Lisboa: Edições Colibri & FCSH / UNL

⁹ A alteração drástica do sentido do título original permite evidenciar como o tradutor inteligiu a ameaça última contida no texto.

- DURKHEIM, Emile (1912), *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF, 1985.
- FREUD, Sigmund (1891), *Contribution à la conception des aphasies*. Paris: PUF, 1983.
- (1895a), Rascunho H, anexo à carta de 24 de Janeiro de 1895, in Jeffrey Moussaieff Mason, edit., *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904* (1985). Rio de Janeiro: Imago Editora, pp. 108-113.
- (1895b), Projecto para uma psicologia científica (1950), In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (OPCSF), vol. I. Rio de Janeiro: Imago, pp. 395-517.
- (1908), Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (OPCSF), vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976, pp.187-212.
- (1912-13), Totem e tabu. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (OPCSF), vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, pp. 17-191.
- (1915), Reflexões para os tempos de guerra e de morte. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (OPCSF), vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, pp. 311-345.
- (1921), Psicologia de grupo e análise do Ego. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (OPCSF), vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, pp. 91-179.
- (1927), O futuro de uma ilusão. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (OPCSF), vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, pp. 15-74.
- (1930), O mal-estar na civilização. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (OPCSF), vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, pp. 81-171.
- (1931), Tipos libidinais, In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (OPCSF), vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 251-258.
- FRIEDMAN, George (2012), *The Next Decade. Empire and Republic in a Changing World* (2011). New York: Anchor Book / Random House
- FUKUYAMA, Francis (2002), *The End of History and the Last Man* (1992), New York: Perennial / Harper Collins Publishers.
- HOBBS, Thomas (2008), *Leviatã ou a matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil* (1651). São Paulo: Ícone Editora,, 3ª edição.
- HUNTINGTON, Samuel P. (1997), *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order* (1996), New York: Simon & Schuster.
- KANDEL, Eric (1999), Biology and the Future of Psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry revisited. *Am. Journal of Psychiatry*, 156: 505-524. Citado in Person, Cooper & Gabard, *Compêndio de Psicanálise* (2005), Porto Alegre: artmed, 2007: 525.
- LEIBNITZ (1720), “Princípios de Filosofia ou Monadologia”, in *Leibnitz – Obras Escolhidas* (por António Borges Coelho), Lisboa: Livros Horizonte, sem data, pp. 159-179.

MARX, Karl (1844), “Contribuição à crítica da filosofia do Direito, de Hegel”, in *Escritos de Juventude* (1963). Lisboa: Edições 70, 1975: 63-77.

MORIN, Edgar (1973), *O Paradigma perdido: a natureza humana*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1975.

(1977), *La méthode I. La Nature de la Nature*. Paris: Éditions du Seuil.

(1992), *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Publicações Europa-América.

PLATÃO (1983), *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 4ª edição.

RUSSELL, Bertrand (1952), *A última oportunidade do homem* (New Hopes for a Changing World, New York, Simon & Schuster, 1952), Lisboa, Guimarães Editores, 4ª edição, 2001.

SOLMS, Mark (2005), “Neurociência”. In Person, Cooper & Gabard, *Compêndio de Psicanálise* (2005), Porto Alegre: artmed, 2007: 520-531.

SOLMS, Mark e TURNBULL, O. (2002), The Brain and the Inner World. Introduction to the Neuroscience of the Subjective Experience. Citados in Person, Cooper & Gabard, *Compêndio de Psicanálise* (2005), Porto Alegre: artmed, 2007: 525.